



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**CIDADE E MEMÓRIA**

Fernanda Volchan Cruz

Rio de Janeiro/RJ

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**CIDADE E MEMÓRIA**

Fernanda Volchan Cruz

Relatório técnico de graduação  
apresentado à Escola de  
Comunicação da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Comunicação  
Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Fernando Salis

Rio de Janeiro/RJ

2017

CRUZ, Fernanda Volchan.

Cidade e Memória / Fernanda Volchan Cruz – Rio de Janeiro;  
UFRJ/ECO, 2017.

19 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação,  
2017.

Orientação: Fernando Salis

1. Documentário. 2. Curta-metragem. 3. Cidade. 4. Memória.  
I. SALIS, Fernando. II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Cidade e  
Memória

## CIDADE E MEMÓRIA

Fernanda Volchan Cruz

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.


Aprovado por



---

*Professor Orientador*

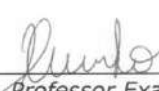
Prof. Dr. Fernando Salis, ECO/UFRJ



---

*Professor Examinador*

Prof. Dr. Ivan Capeller, ECO/UFRJ



---

*Professor Examinador*

Prof. Dr. Igor Sacramento, ECO/UFRJ

Aprovado em: 13 de dezembro de 2017

Grau: 7,0

## DEDICATÓRIA

*Ao meu pai, pelo carinho infinito e eterno que eu busco incansavelmente retribuir e pelas incontáveis histórias que eu busco compartilhar.*

*À minha mãe pelo apoio incondicional e o incentivo para criar este projeto.*

## AGRADECIMENTOS

A lista a seguir não está organizada em ordem de importância ou afeição, todos os citados foram essenciais para a produção deste projeto.

Agradeço primeiro ao meu amigo e colega Fernando Salles, que além de me presentear com sua amizade também embarcou comigo desde cedo nesta ideia me auxiliando em todas as etapas da melhor maneira possível, sou eternamente grata pelo apoio e orgulhosa de ter você nesta equipe.

Andressa Maia, Felipe Andrade e Suzana Caniné, obrigada por me acompanharem pela minha jornada com meu pai pela cidade, é muito gratificante ver pessoas tão competentes estarem ao seu lado em um momento tão crucial da minha vida acadêmica, espero que tenham se divertido e levado algo das histórias de meu pai para a vida de vocês.

Ao Pedro Gandra, por todos os incentivos e belas palavras, tentarei fazer por merecer todos os elogios e louvores.

Ao Elton Lima, pela amizade pura e genuína.

À Pilar Barradas, por todo o apoio, a paciência e o amor.

A todos os amigos próximos e familiares que me deram apoio e que ficaram ao meu lado em momentos de dúvidas e frustrações, sem essa rede de companheirismo este e vários outros projetos da minha vida não teriam sido possíveis.

À minha mãe pela paciência e o amor que sempre recebi em demasia, por estar presente e disponível e por amar a ideia do projeto como eu amo.

Ao meu pai por tudo.

## RESUMO

CRUZ, Fernanda Volchan. *Cidade e Memória*. Orientador: Prof. Dr. Fernando Salis. Rio de Janeiro, 2017. Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 19 f.

*Cidade e Memória* é um curta-documentário que busca resgatar um pouco da história da cidade do Rio de Janeiro através das memórias de um homem. Guiado por sua filha, refazemos com ele o caminho que costumava trilhar de sua casa no bairro do Maracanã até sua escola em São Cristóvão e levados por suas palavras, embarcamos em uma viagem no tempo.

**Palavras-chaves:** memória, cidade, rio de janeiro, pai, documentário.

## ABSTRACT

*Cidade e memória* is a short documentary film that thrives on recapturing a bit of the history from Rio de Janeiro through the memories of a man. Guided by his daughter, we join him while he retraces the path he used to make from his house in Maracanã towards his school in São Cristóvão and driven by his words we embark on a journey through time.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>9</b>
1.1	<u>Contexto do trabalho.....</u>	9
1.2	<u>Linguagem documental.....</u>	10
1.3	<u>Escolha do tema e o processo de pesquisa.....</u>	11
1.4	<u>Objetivo.....</u>	11
<b>2</b>	<b>Pré-Produção.....</b>	<b>12</b>
2.1	<u>Pesquisa de locação.....</u>	12
2.2	<u>Definição de equipe técnica.....</u>	14
<b>3</b>	<b>Produção.....</b>	<b>14</b>
3.1	<u>Estádio Maracanã.....</u>	14
3.2	<u>As Casas.....</u>	15
3.3	<u>Quinta da Boa Vista.....</u>	17
3.4	<u>São Cristóvão.....</u>	17
<b>4</b>	<b>Pós-Produção.....</b>	<b>18</b>
4.1	<u>Edição do Som / Efeitos especiais de som.....</u>	19
4.2	<u>Legendagem.....</u>	19
4.3	<u>Montagem.....</u>	19
<b>5</b>	<b>Considerações Finais.....</b>	<b>20</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Meu pai sempre foi uma pessoa de grande influência na minha vida. Sinto-me privilegiada de ter compartilhado um pouco do seu conhecimento e paixão por música, filmes e cultura. Desde criança fui apresentada a obras e artistas que talvez se não fosse por ele eu nunca iria sequer conhecer. Sinto-me privilegiada também por ter tido um pai tão presente, Fernando me levava e buscava da escola todos os dias até eu ter idade suficiente para pegar o ônibus sozinha em segurança e até mesmo na faculdade, quando eu voltava tarde do turno da noite, ele me esperava no ponto e me acompanhava até em casa. Sempre fomos muito próximos, eu ele e minha mãe. Jantamos juntos todas as noites e praticamente toda a comida é feita ou comprada por ele. Nessas e em outras ocasiões, pude desfrutar de inúmeras histórias de sua juventude. Escola, família, amigos, a memória do meu pai não parecia ter limites, contava cada caso como se tivesse acontecido ontem, quase sempre lembrando nome e sobrenome de todos os envolvidos. Ao escutar, era possível visualizar cada cena nitidamente, como um filme que se desenrola em nossa mente.

### 1.1 CONTEXTO DO TRABALHO

Tive várias ideias para este projeto final, mas nenhuma me instigava tanto como transformar as memórias de Fernando em um produto audiovisual. Além do meu envolvimento pessoal com o tema, existia algo ali que era mais abrangente. Aquelas histórias não narravam a vida do meu pai apenas, mas a vida de uma geração inteira. Com ela era possível ter um pequeno deslumbre de como era a sociedade carioca há cinco décadas atrás, como era o Rio de Janeiro em si. Como é possível morarmos numa cidade e desconhecermos tanto do seu passado recente.

A ideia inicial era de um longa-metragem. As inspirações eram filmes como *Meu Tio* (1958), *Guerra dos Botões* (1962), *Amarcord* (1973) e *A Família* (1987). Filmes focados no cotidiano, no viver das pessoas comum e na juventude. Todos esses filmes marcam um lugar e um tipo de sociedade, retratam situações mais do que um enredo com início, meio e fim. Como a proposta de produzir um longa-metragem como projeto final de faculdade é um pouco ousada e não seria possível fazer o filme do jeito que eu gostaria resolvi que o roteiro deste seria o meu projeto prático.

Ao começar a pesquisa, vi que esta ideia também era problemática. A pesquisa que era preciso levantar para escrever o roteiro era enorme. Era preciso pesquisar historicamente e geograficamente o Rio de Janeiro dos anos 50, 60 e 70 além de entrevistar e gravar meu pai. A parte da pesquisa se tornou o elemento mais importante até que ela se tornou o próprio projeto. Um curta-documentário, uma pesquisa nas memórias de Fernando e da cidade.

## 1.2 LINGUAGEM DOCUMENTAL

Ao transformar a pesquisa em projeto e o projeto em curta-documentário eu me deparei com um novo gênero audiovisual. Até então, todo o meu pensamento havia sido direcionado para a ficção, desde as referências até as ideias de como explorar o tema. A própria definição dessa nova linguagem gera uma série de questionamentos já que o significado de documentário, suas características marcantes e o que o difere dos outros gêneros cinematográficos são temas de grandes discussões e propostas distintas dentro do audiovisual (NICHOLS, 2005).

Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao documentário*, argumenta que os documentários diferem dos gêneros de ficção já que estão (NICHOLS, 2005 pag 17) “...baseados em suposições diferentes sobre seus objetivos, envolvem um tipo de relação diferente entre o cineasta e seu tema e inspiram expectativas diversas no público”. Porém, segundo o autor, essas diferenças não são absolutas e existem diversos filmes que buscam ofuscar essa divisão: “alguns documentários utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à ficção, como, por exemplo, roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação. Alguns filmes de ficção utilizam muitas práticas ou convenções que frequentemente associamos à não ficção ou ao documentário, como, por exemplo, filmagens externas, não-atores, câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo (imagens filmadas por outra pessoa)”. Nichols vai mais além e afirma que todos os filmes são na realidade documentários, pois evidenciam a cultura que os produziu e reproduzem a aparência das pessoas que fazem parte deles, e todos podem ser divididos em dois grupos: os documentários de satisfação de desejos, os comumente denominados de ficção, e os documentários de representação social, os que normalmente chamamos de não ficção.

Embora o curta-documentário por mim proposto não tenha como objetivo embaçar a divisa entre ficção e não-ficção e, embora ele se encaixe perfeitamente na definição de documentário de representação social de Nichols no que diz respeito a proporcionar novas

visões de um mundo comum, o fato do projeto ser parte de uma pesquisa para um filme de ficção, ou seja, de documentário de satisfação de desejo o coloca no meio deste debate.

Creio que partir de um filme de não-ficção para criar um filme de ficção traz mais força e autenticidade ao segundo. A medida que fui me aprofundando no projeto ficou cada vez mais evidente que o formato documental é essencial para contar a história de meu pai e transmitir as ideias sobre cidade, memória e história que me inspiraram a criar um produto audiovisual. Como citado no livro *Introdução ao documentário* (NICHOLS, 2005 pag 27) “o vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e a história social”. Esta é justamente a minha intenção. Espero que, futuramente, seja possível transferir este poder do documentário para um filme de ficção, de modo a acrescentar ainda mais vida, encanto, identificação e nostalgia.

### **1.3 ESCOLHA DO TEMA E PROCESSO DE PESQUISA**

Escrevi o pré-projeto, mas ainda faltava um fator muito importante. Era muito difícil reproduzir no papel o conteúdo vivo de meu pai contando suas memórias, era necessário mostra-lo. Chamei Fernando Salles para gravar uma pequena entrevista na minha casa. Era um teste, uma forma de visualizar o que era o projeto em si. Perguntei sobre sua família, sua infância e sobre a casa no Maracanã onde ele passou tantos anos de sua vida. Fernando nasceu em Itabuna, na Bahia e veio com para o Rio de Janeiro quando tinha apenas um ano de idade com sua avó materna. Sua mãe e tias não tardaram a se juntar a ele. Além delas, era comum outros primos e agregados baterem na porta pedindo para passar um tempo lá.

No total eram quarenta e cinco minutos de entrevista. O tema das perguntas era variado, ainda não havia um foco, algo para guiar o trabalho em uma direção concreta. Ao apresentar o vídeo para meu orientador, ficou evidente que aquele formato de entrevista não se sustentaria em um curta-metragem. Era preciso tirar meu pai da inércia, coloca-lo em contato direto com os lugares que ele cita com tanta clareza em suas memórias, é preciso leva-lo a campo.

### **1.4 OBJETIVO**

Este passo já era o início de uma definição de foco do projeto. Não era sobre as memórias do meu pai em si, era sobre a relação dessas memórias com o espaço, com o Rio de

Janeiro e comigo mesma. Era a relação entre o presente e o passado que ainda resiste de alguma forma, mas que ficou esquecido para muitos.

Seguindo essa visão, ficou definido que eu como diretora apareceria em quadro junto ao meu pai. Não seria necessário esconder os outros membros da equipe nem disfarçar aspectos que deixassem claro a gravação do documentário (microfone aparecendo, outras câmeras, etc.). A relação de Fernando com a equipe era também parte do projeto e merecia ser explorada.

## **2. PRÉ-PRODUÇÃO**

### **2.1 PESQUISA DE LOCAÇÃO**

Tinha algumas ideias de lugares interessantes para levar Fernando. O primeiro era a casa onde morou no Maracanã, que eu sabia que ainda existia porque ele sempre a mostrava quando passávamos por ali. Tinha interesse também de gravar com ele na Praça Saens Peña, onde ele ia frequentemente assistir filmes em vários dos cinemas que lá existiam, hoje já não havia mais nenhum. A própria experiência de ir ao cinema já não é mais a mesma para a nossa geração. Na época dele, os cinemas eram a única fonte possível para assistir filmes, se você perdesse um filme em cartaz talvez não fosse possível assisti-lo nunca mais, ou era o que se pensava. Quando o filme era bom, não era incomum das pessoas continuarem na sala de cinema para vê-lo novamente na próxima sessão. É uma concepção um tanto estranha para nós que já nascemos com fita VHS e que podemos hoje praticamente assistir ao filme que quisermos quando quisermos.

A casa parecia mais essencial, então começamos lá. Chamei meu produtor Fernando Salles e fomos juntos descobrir quem habitava a casa atualmente, caso fosse uma pessoa colaborativa, poderíamos até mesmo filmar dentro da casa mostrando como ela funcionava há cinco décadas atrás.

Embora seja uma casa só, são dois endereços: Avenida Maracanã para o primeiro andar e Rua Paula Souza para o segundo. Resolvemos ir no primeiro para seguir a ordem cronológica dos fatos. É uma casa pequena bem em frente ao estádio, não é a única sobrevivente entre suas vizinhas, mas muitas já tinham sido demolidas para dar lugar a edifícios maiores e mais modernos. Chegamos lá, batemos na porta e fomos atendidos por um rapaz que nos informou que a casa havia se transformado em uma república estudantil e era habitada por jovens universitários, sendo ele um exemplo. Ficamos extasiados com a notícia.

Explicamos o nosso propósito, trocamos contato e o rapaz ficou de nos passar o telefone da proprietária já que ele próprio não poderia autorizar a filmagem.

Sáímos contentes e vitoriosos, comecei a pensar no projeto todo voltado para a casa, morada de uma família de baianos e adjacentes no passado e reduto estudantil atual. Pensei nas várias comparações que poderiam ser feitas, do estilo de vida, do uso da casa, das mudanças internas. Porém, foi uma comemoração prematura. O rapaz demorou para me passar o contato da proprietária e a ignorar as minhas mensagens. Após várias tentativas de contato, a proprietária declarou que não seria possível filmar dentro da casa, que era muita responsabilidade em cima dela e que os estudantes não estavam à vontade.

Depois desta decisão inesperada, fui forçada a pensar um novo rumo para o projeto. Voltei os olhos para a cidade, para as memórias do Rio de Janeiro. Toda aquela área, do Maracanã até São Cristóvão era território conhecido de Fernando. Praticamente todos os dias ele ia andando para o Colégio Brasileiro de São Cristóvão, atravessando a Quinta da Boa Vista. Seria interessante refazer este trajeto com ele, analisar o que mudou e o que ele tem para contar. Era um trajeto quem sem dúvida estava bem guardado em sua memória e que abrigava muitas histórias.

Eu e Fernando Salles organizamos uma expedição para analisar o terreno e descobrir exatamente o quanto nós teríamos que andar e por onde. Partindo da casa na Paula Souza, traçamos uma reta até o Colégio Brasileiro de São Cristóvão passando por dentro da Quinta Da Boa Vista. Meu pai não sabia de nada até o momento, não queria contar até ter certeza do que iríamos gravar e não queria que ele revisitasse os locais antes das gravações. Foi difícil analisar o quão rico seriam esses locais para o documentário sem a presença do meu pai, mas eu não tinha intenção de leva-lo antes da filmagem. Eu sabia que ele não percorria esse caminho a pé há muitos anos e queria capturar as emoções dele ao reviver as memórias que ainda estavam tão brilhantes em sua mente.

O caminho foi longo e árduo pelo sol quente, mas extremamente inspirador. É impressionante o quanto o Rio é uma mistura de novo e antigo, repleto de sutilezas que nós não reparamos na correria cotidiana.

Ao chegar na rua do colégio, ficamos contentes em ver que praticamente todos os prédios tinham uma arquitetura antiga, sugerindo que ela não havia mudado muito desde os tempos que meu pai frequentou o ginásial. Além disso, a rua era linda, muito arborizada e tranquila embora não fosse longe das ruas movimentadas do bairro. Um grupo de crianças com uniforme do Colégio Brasileiro brincavam de bola na calçada e nos informaram onde ficava a escola. Chegando lá, vimos no mapa que o Colégio Pedro II, onde meu pai fez o ensino

médio, não estava longe. Andamos até lá, nossa expedição havia demorado quarenta e cinco minutos o que parecia ser um tempo bem razoável. O colégio ficava muito bem localizado, com uma vista da Quinta e da Feira de São Cristóvão, parecia um bom lugar para terminar o documentário.

## **2.2 DEFINIÇÃO DE EQUIPE TÉCNICA**

Além de Fernando Salles, meu produtor que também seria operador de câmera, chamei para compor a equipe Andressa Maia, que seria minha diretora de fotografia e operadora da segunda câmera e Felipe Andrade para dirigir o som e operar o boom. Chamei também Suzana Caniné para fazer fotos da produção. Eu tinha uma viagem marcada dia 9 de outubro e queria terminar as gravações antes desta data. Teria que ser um final de semana, já que durante a semana meu pai trabalha, e provavelmente gravaríamos tudo em um dia. Ficou marcado, então para o dia 1 de outubro, caso houvesse algum problema nós ainda teríamos mais um final de semana para gravar antes da viagem. De fato, no dia marcado choveu, e como a gravação era totalmente ao ar livre remarcamos para sábado dia 7, às 9h da manhã no metrô do Maracanã.

## **3. PRODUÇÃO**

Eu e meu pai fomos os primeiros a chegar, mas logo nos encontramos com o resto da equipe. Ao montar o som, percebemos que o microfone direcional não funcionava no modo wireless e tivemos que deixar ele conectado com fio no gravador que meu pai levaria no bolso da calça. Além disso, teríamos um boom para gravar o som ambiente além dos microfones embutidos das câmeras. Montamos o resto do som e das câmeras e saímos para a nossa jornada.

### **3.1 ESTÁDIO MARACANÃ**

Embora não estivesse no itinerário previsto, pensei em começarmos pelo próprio estádio Maracanã, não só pelo fato de estarmos bem em frente a ele, mas também porque eu sabia que meu pai conhecia várias histórias que envolviam o estádio e pensei que seria uma boa forma de fazer com que ele se sentisse mais à vontade. Eu estava muito nervosa com a maneira com a qual meu pai ia reagir às câmeras e a toda a experiência da gravação, pensei

várias perguntas que poderiam deixá-lo menos inibido, mas logo que descemos a rampa da saída do metrô vi que elas não seriam necessárias. As histórias foram fluindo com muita naturalidade, como se as câmeras e o fato de estarmos em público não afetassem. Na verdade, senti até um certo orgulho e um ar de agradecimento pela tamanha atenção às suas memórias.

Encarei isso como algo positivo e resolvi que a atenção seria dada inteiramente a ele, a minha participação era secundária e dependente dele e das suas histórias. Esta era, na realidade, a minha intenção desde o princípio, eu apenas não sabia se seria possível até o dia da gravação em si. Embora eu seja a diretora do projeto e assumo sua autoria, o personagem principal sempre foi meu pai. Ele é a razão de todo esse esforço, sem ele este filme não existiria.

Percebi também, logo nesse primeiro momento, que a equipe começou a entender os motivos que me levaram à realização desse projeto. As lembranças de meu pai transformavam parte do cenário da cidade em algo vivo, com elas nós conseguíamos ver o que era o Rio de Janeiro em uma época em que nem pensávamos em nascer e o quão rico são os locais pelos quais passamos todos os dias.

### **3.2 AS CASAS**

Seguimos contornando o Maracanã em direção à casa. As memórias preenchiam todo o trajeto, meu pai tinha uma história para contar sobre cada pequeno detalhe que encontrávamos no caminho. Suas lembranças da rua onde morou e de seus antigos vizinhos nos possibilitava perceber algumas mudanças nítidas entre modo de vida das pessoas daquela época e o atual. Muros baixos, portas abertas, vizinhos que se conhecem pelo nome, inquilinos antes desconhecidos que se transformam em amigos, nada disso parece possível no Rio de Janeiro de hoje em dia. É impressionante como a questão da segurança afeta tanto o cenário da cidade como as relações sociais entre os moradores. Para se encontrar com seu amigo que morava na casa perto da sua, Fernando precisava apenas entrar e subir as escadas, sem necessidade de porteiros ou interfones. O espaço entre as pessoas parecia menor devido à facilidade dos encontros.

Até mesmo a minha geração foi afetada pelo aumento crescente de muros, alarmes e câmeras de segurança. O prédio onde morei desde criança possuía apenas um portão baixo (tão baixo que eu costumava escalar-lo para entrar ao invés de usar a porta) e a portaria, que ficava aberta de dia. Hoje, há um portão bem mais alto e um enorme portão de vidro que vai

no chão até o teto. Às vezes me questiono se o que mais aumentou na cidade foi a violência ou o medo da violência.

Seguindo os relatos, Fernando contou que o antigo dono da também antiga Rádio Nacional, seu Alceu, era seu vizinho do lado, e costumava se queixar que o gato de Fernando entrava pela sua garagem para urinar em seu *Cadillac*. É importante ressaltar que este tipo de anedota, embora trivial, estabelece um tipo de relação interpessoal muito específica da época em que meu pai era jovem. Não sei se hoje em dia seria possível para uma família de migrantes do interior da Bahia morar ao lado de um dono de um canal de TV a ponto de ter rixas sobre animais de estimação e propriedade privada de forma tão casual.

Atravessamos a rua e chegamos no primeiro endereço, a casa que hoje era república estudantil e que não nos deu permissão para filmarmos do lado de dentro. No fim, foi para o melhor, o projeto talvez não fosse tão vivo se fosse filmado em um local fechado.

Passamos então para o segundo endereço, na Rua Paula Souza, onde Fernando morou durante grande parte da infância até a vida adulta. Não sabemos ao certo quem mora lá atualmente (quando fizemos a pesquisa de campo não obtivemos resposta), a casa parece habitada, mas vazia. Meu pai contou histórias da casa, dos vizinhos, dos parentes que moraram ali ou por perto e de anedotas da vizinhança. Ao terminar o relato, na hora de pausar o gravador para iniciar um novo módulo de gravação, percebemos nenhuma parte do último módulo das casas havia sido captada pelo microfone direcional. Religamos o gravador e tentamos repassar com Fernando as coisas que foram ditas, mas eu sabia que não ia ficar tão bom como havia sido fora da gravação, dependendo da qualidade talvez valesse a pena usar o áudio captado pelas câmeras, mas isso só seria possível descobrir na pós-produção.

Decidimos que iríamos deixar gravando o áudio do microfone direcional direto, sem cortes, para evitar este tipo de problema. Tínhamos bateria e espaço no cartão suficiente para isso. Seguimos rumo para a Quinta Da Boa Vista, que fazia parte do itinerário previsto em direção ao Colégio Brasileiro de São Cristóvão.

Ao passar em frente ao CEFET, meu pai lembrou que o inspetor que trabalhava lá na época alugou um quarto em sua casa com a mulher e os dois participavam das atividades da casa inclusive sendo convidado para ocasiões festivas como Natal. Esta situação me pareceu peculiar, mas para meu pai e outros de sua geração era algo corriqueiro.

Outra história inusitada que ilustra os contrastes entre presente e passado se deu mais a frente, na curva do viaduto próximo à Quinta da Boa Vista. Neste local, como me contou Fernando, ele e outros colegas de sua idade costumavam pedir carona a quem passasse. Um dos motoristas bondosos, depois de dar carona para o meu pai tantas vezes, passou a busca-lo



na porta de casa. Comparando aos inúmeros serviços e aplicativos de transporte privado que existem hoje em dia e no enorme esforço em garantir a maior segurança possível, é quase impossível conceber este tipo de arranjo atualmente.

Aproveitando um momento em que as câmeras estavam desligadas, meu pai me puxou para o lado para falar comigo em particular. Perguntou se tínhamos planos para o almoço, respondi que não. Ele sugeriu então que fôssemos todos comer na Feira de São Cristóvão por sua conta, e pediu para que eu fosse perguntar a equipe. Não pude disfarçar a minha felicidade ao ouvir aquele convite, não só pela comida em si, mas porque eu sabia o que esse convite realmente significava. Era um gesto de agradecimento que partia de um sentimento de real felicidade. Dei logo o recado a equipe e todos aceitaram com alegria.

### **3.3 QUINTA DA BOA VISTA**

Chegando na quinta estávamos exaustos, com calor e sede. A bateria da câmera do Fernando Salles estava quase acabando e aproveitamos o tempo de recarregá-la para descansarmos e repormos a energia. Sentamos todos em banquinhos na entrada do parque, menos meu pai que prefere ficar em pé. Conversamos um pouco sobre o dia e outras coisas, meu pai parecia bem enturmado e a vontade. Perguntei se haveriam muitas histórias para contar da Quinta e ele me disse que não, que era apenas local de passagem.

Ficamos lá por 20 minutos para garantir que a câmera estivesse suficientemente carregada para durar até o fim da gravação. A quinta estava cheia, grupos de famílias, amigos e pessoas praticando atividade física. Contradizendo o que havia dito antes, Fernando parecia ter muita coisa a dizer sobre o parque, sobre corridas de carrinhos de rolimã e visitas ao Museu Nacional com os amigos. Seu amigo de escola, Júlio, gostava tanto de visitar o museu e foi lá com meu pai tantas vezes que se fazia de guia para quem estivesse interessado em conhecer um pouco mais sobre a história das peças exibidas ali. Este tipo de história talvez não seja a mais marcante em termos de caracterizar a geração de Fernando como um todo, mas para mim é extremamente rica. Foram lembranças como essa que me ataçaram o desejo de produzir um longa com cenas comuns e corriqueiras como *Amarcord* (1972) e outros filmes anteriormente citados, porém com personagens e situações genuinamente brasileiros.

### **3.4 SÃO CRISTÓVÃO**

Atravessamos a Quinta, já estávamos bem perto de nosso destino. Nesse ponto, todos já estávamos bem mais a vontade e seguimos nosso percurso conversando e rindo. Subimos uma ladeira que dava na Rua Antônio Henrique de Noronha, rua do Colégio. A rua era linda, como eu e o Fernando Salles já tínhamos tido o prazer de descobrir, muito arborizada e com casas baixas. Apesar de bem próxima a centros movimentados, apresentava uma calma deliciosa e um certo frescor que aliviava o calor do dia ensolarado. Nada parecia ter mudado muito desde a época que meu pai estudara ali, para a alegria dele. Ver este lugar quase inalterado pelas duras mudanças do tempo parece ter trazido um grande reconforto para ele. Não tínhamos permissão para entrar no colégio, então filmamos em frente ao muro, sendo guiados por dentro apenas pela voz de Fernando contando suas memórias. Descobrimos por meio dele que, durante o recreio, o pátio do colégio era separado entre meninos e meninas, sendo que o lado das meninas permanecia impecável durante todo o recesso enquanto o lado dos meninos se caracterizava pela imundice derivada de incansáveis guerras de lanche e terra. Após desperdiçarem seu almoço feito com tanto carinho por seus pais, o jeito era comprar doces e outras besteiras do vendedor ambulante do outro lado do muro.

Assim como no dia na pesquisa de campo, decidimos ir até o Colégio Pedro II, que era ali perto, e encerrar a gravação lá. Até então eu não sabia ao certo como eu iria encerrar o vídeo, mas eu sabia que na pós-produção faria mais sentido. Tivemos que parar rapidamente no caminho para trocar o cartão de memória que estava cheio, mas mesmo assim chegamos rapidamente ao nosso destino. Também não tínhamos permissão para entrar e ficamos do lado de fora. Dali, tínhamos uma vista privilegiada do bairro de São Cristóvão e pudemos gravar boas imagens.

Interessante para marcar a organização de escolas públicas da época e como essa organização mudou tanto em pouco tempo, havia uma história sobre o seu tempo no Pedro II que eu conhecia e pedi para ele contar. Naquela época os turnos eram divididos por gênero, os meninos estudavam de manhã e as meninas a tarde. Porém, no terceiro ano clássico (equivalente ao terceiro ano do ensino médio atual) a sua turma diminuiu drasticamente, dos cinquenta alunos que entraram no primeiro ano sobraram apenas onze. Assim, a escola decidiu juntar a turma de meu pai com a turma das meninas de manhã, de modo que ele e seus colegas eram os únicos meninos estudando à tarde naquele ano.

Ao encerrar a gravação, dei uma última olhada nos muros do Colégio. Há cinco anos atrás, eu entrava por essas portas para oficializar a conclusão do Ensino Médio, e neste dia eu observava o início da conclusão da minha graduação. Agradei muito a equipe pelo incrível apoio e dei um forte abraço no meu pai. Fomos juntos para a Feira comemorar.

## **4. PÓS-PRODUÇÃO**

Como editora, sempre dou um grande peso para a pós-produção em qualquer projeto, mas em um documentário esse peso é maior. É na mesa de edição que é possível enxergar o que é possível fazer com o material disponível. Não é uma tarefa simples, é preciso coordenar vídeos de duas câmeras diferentes e sincronizar o som gravado sem claquetes ou muitos cortes. As transições entre planos parecem um pouco bruscas em relação aos cortes habituais de um curta de ficção, e por ter sido filmado todo ao ar livre os vídeos apresentam drásticas mudanças de luz e cor.

### **4.1 EDIÇÃO DE SOM**

O som do microfone direcional usado por Fernando felizmente funcionou e dava para ouvir meu pai perfeitamente. Porém, houveram alguns momentos em que o microfone não estava ligado e foi preciso usar apenas áudio da própria câmera, que possui muita interferência externa. Para a maioria dos planos os dois áudios foram utilizados, sendo que o áudio da câmera ficou num volume mais baixo necessário apenas para providenciar um som ambiente ou para podermos ouvir alguma pergunta minha ou de outro membro da equipe com mais clareza, já que o microfone direcional captava principalmente meu pai.

### **4.2 LEGENDAGEM**

Devido às questões do som foi necessário acrescentar legendas em alguns momentos em não é possível discernir a fala com clareza.

### **4.3 MONTAGEM**

Separar o material que seria utilizado e o que seria descartado não foi uma tarefa fácil. Mesmo que os vídeos não selecionados para a versão final não fossem ser descartados completamente, afinal todo o material gravado serviria de pesquisa para o futuro roteiro de longa metragem que será escrito futuramente, essa escolha exige certo desprendimento

emocional do material, ou pelo menos um outro olhar. É preciso selecionar o que é interessante do ponto de vista do espectador, e não apenas o que é importante para mim devido a laços familiares e emocionais que possuo com todo o projeto. Definir o que merece ser explorado, o que faz sentido dentro do conjunto dos outros vídeos e o que mais ajuda a contar o que precisa ser contado, a história do Rio de Janeiro e das gerações que habitaram uma cidade muito diferente da que habitamos hoje.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher um tema que possui um significado tão importante para mim tem suas vantagens e desvantagens. A principal vantagem é poder pesquisar e produzir algo pelo qual eu tenho interesse genuíno e cujo produto final poderá ser muito útil para futuros desdobramentos e empreendimentos. Por outro lado, a pressão quanto ao nível de qualidade de todo o projeto aumenta e o emocional pode acabar tomando conta e indo contra a produtividade e não a favor.

Além disso, existia a grande responsabilidade de colocar o meu pai no centro da narrativa. A representação do outro no documentário gera uma série de questionamentos éticos para o diretor e, por se tratar de alguém da família, torna-se uma questão pessoal também. Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao documentário* descreve algumas das questões envolvidas em retratar o outro de forma não-ficcional:

“O que fazer com as pessoas? Formulada de outra maneira, a pergunta é ‘que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?’. A maioria de nós acha que um convite para atuar num filme é uma oportunidade desejável, e mesmo invejável. E se o convite for não para atuarmos num filme, mas para *estarmos* no filme, para sermos nós mesmos no filme? O que os outros pensarão de nós? Como nos julgarão? Que aspectos de nossa vida podem ser revelados e que não previmos? Que pressões, sutilmente indicadas ou abertamente declaradas, entram em jogo para modificar nossa conduta e com que consequências? Essas perguntas tem várias respostas, de acordo com a situação, e são de um tipo diferente das propostas pela maioria das ficções. Elas fazem recair uma parcela de responsabilidade diferente sobre os cineastas que pretendem representar os outros em vez de retratar personagens inventados por eles mesmos. Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção.” (NICHOLS, 2005)

No fim, creio que foi a melhor escolha. Eu acredito plenamente na importância desse projeto, não apenas no que diz respeito a mim, mas ao conteúdo do projeto em si e poder construí-lo ao lado de família e amigos foi uma experiência extremamente rica. Depois de tantas dúvidas, de tantos processos internos e de uma montanha-russa de emoção há um conforto enorme em vê-lo finalmente concluído da melhor maneira que foi possível fazer. Espero que o futuro roteiro possa ser feito com a consciência tranquila.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário** (*Introduction to documentary*). Coleção Campo Imagético, Campinas/SP: Papirus, 2005.

### REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

**MEU TIO** (*Mon Oncle*). Direção de Jacques Tati. França: 1958. 120 min. DVD.

**GUERRA DOS BOTÕES** (*La Guerre Des Boutons*). Direção de Yves Robert. França: 1962. 90 min. DVD.

**AMARCORD**. Direção de Frederico Fellini. Itália: 1973. 127 min. DVD.

**A FAMÍLIA** (*La Famiglia*). Direção de Ettore Scola. Itália: 1987. 142 min. DVD.